

Notas de Leitura

Howard S. Becker. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1994. Tradução de Maria Estevão e Renato Aguiar. 178 p.

O desenvolvimento da pesquisa em Educação no Brasil, sobretudo nos últimos anos, abriu um amplo espaço para os denominados métodos qualitativos. De um lado, esta modalidade de investigação contribuiu para o enriquecimento da compreensão dos processos educativos, particularmente os escolares, mediante a elaboração de etnografias, estudos de caso, entre outras estratégias de coleta de informações. Mas, de outro, é preciso reconhecer, não houve igual correspondência no tratamento rigoroso dos procedimentos de pesquisa, de modo a permitir inferências válidas sobre a realidade empírica investigada.

Por essas razões, o livro *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*, de Howard Becker, oferece uma importante contribuição para aqueles que, nos últimos anos, vêm se dedicando às investigações de natureza qualitativa.

O sociólogo norte-americano apresenta uma longa trajetória de pesquisa onde alguns temas como a

vida dos estudantes de medicina, os estilos de vida de fumantes de marijuana ou músicos de jazz são estudados de forma bastante original e criativa.

Nos ensaios reunidos nesta publicação, o autor busca fazer um exercício de reflexão sobre as técnicas e métodos adotados em seus estudos, ressaltando-se as suas análises sobre a observação participante, a história de vida e os procedimentos utilizados no estudo de praticantes de crimes e delitos.

Capacidade de inovar na utilização de métodos, ousar criar novos procedimentos investigativos são possibilidades desafiadoras e, ao mesmo tempo, atribuições inerentes ao pesquisador em Ciências Sociais, afirma Becker. No entanto, dentre as inúmeras lições a serem extraídas deste livro, a principal reside no reconhecimento das exigências de rigor, objetividade e coerência no tratamento do material empírico, na construção das categorias analíticas e das interpretações, independentemente da natureza quantitativa ou qualitativa dos métodos a serem adotados.

Márcia Pontes Sposito
Universidade de São Paulo

Elliot Eisner (org.). *Learning and teaching the ways of knowing*. Chicago: National Society for Study of Education/ The University of Chicago Press (84th Yearbook, Part II), 1985, 304 p.

Este volume, de uma série que começou a ser publicada em 1902 pela National Society for the Study of Education (Sociedade Nacional de Estudos Educacionais), compõe-se de capítulos escritos por diferentes autores, entre os quais Michael Cole, Jerome Bruner e o próprio Elliot Eisner, talvez os mais conhecidos do público brasileiro.

O organizador, em seu prefácio, comenta que o livro foi preparado no momento em que ocorriam, na sociedade norte-americana, dois movimentos opostos: um, que ele caracteriza como conservador, que contempla o passado enquanto chave para definir prioridades para a escola, movimento conhecido como "back-to-basics" (de volta ao básico), ou seja, uma tendência que valoriza os aspectos estritamente instrucionais da escola, numa abordagem tradicional. O segundo movimento identificado por Eisner é aquele que emana "do trabalho daqueles que estão atualmente estudando o

pensamento e a inteligência humana e que estão desenvolvendo novas idéias sobre as potencialidades da mente". (p. xi)

Einer posiciona-se claramente a favor da segunda tendência. Assim, o livro está organizado de forma a cobrir as diferentes formas do conhecimento humano, examinando suas implicações para a educação.

No primeiro capítulo, Herbert M. Kliebard realiza uma intrigante retrospectiva das reformas educacionais nos Estados Unidos, na primeira metade deste século, identificando os diversos projetos sociais que estavam em pauta para a escola, e como cada um deles influenciou, com maior ou menor sucesso, nos rumos do sistema educacional no país.

Na segunda parte do livro, são analisados os diversos tipos de conhecimento: estético (por Elliot Eisner); científico (D.C. Phillips); interpessoal (Ellen Berscheid); intuitivo e intelectual (Rudolf Arheim); narrativo e paradigmático (Jerome Bruner); formal (Nel Noddings); prático (Robert Sternberg e David R. Caruso); e espiritual (Dwayne E. Huebner).

A terceira parte discute as implicações para a prática educacional dessas múltiplas formas de conhecimento. F. Michael Connelly e D. Jean Clandinin refletem sobre as experiências de ensinar e aprender na escola, a partir das diversas formas de conhecer, utilizando-se de um "fragmento de relato" sobre uma experiência de uma professora primária. O segundo texto, de Elizabeth Vallance, trabalha com a questão do planejamento curricular. Michael Cole discute as implicações destas concepções de conhecimento para os testes de coeficiente de inteligência (Q.I.). O capítulo sobre formação de professores, escrito por Vicent Rogers, é especialmente

provocativo, propondo as principais características que devem ser garantidas, nestes cursos, para aprimorar a qualidade da vida intelectual dos estudantes e futuros professores. O último capítulo, de Jillian Maling e Bruce Keepes, discorre sobre as implicações das diversas formas de conhecimento para a pesquisa e a avaliação educacional.

Como anuncia Eisner no prefácio, o livro explora as possibilidades da visão que ele chama de "para frente", em oposição à "para trás". A posição defendida pelos autores é que "se as crianças devem, obviamente, aprender a ler, escrever e contar corretamente, o desenvolvimento pleno de *somente* estas habilidades não lhes faz justiça, de forma nenhuma. As crianças são capazes de mais, sendo que as escolas devem tentar otimizar o que os alunos podem aprender" (p. xii).

Maria Malta Campos

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Fundação Carlos Chagas